

Construção, defesa e transmissão de saberes: Capoeira Angola e sua pedagogia

Construction, defense, and transmission of knowledge:
Capoeira Angola and its pedagogy

Construcción, defensa y transmisión del conocimiento:
Capoeira Angola y su pedagogía

Felipe Araujo Fernandes¹  

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo analisa a Capoeira Angola como prática de construção, defesa e transmissão de saberes em comunidades brasileiras, em suas raízes africanas. O primeiro pressuposto é que, no cenário capitalista atual, a escola não visa garantir o acesso igualitário de conhecimento para toda a população, de modo que a educação está intimamente ligada à política. Esta pesquisa, baseada em fontes secundárias sobre a prática da capoeira e em fontes sobre o papel da educação e da filosofia no mundo atual, justifica-se pela necessidade de entender como a Capoeira Angola resiste à opressão e perpetua saberes ancestrais, podendo oferecer rastros de como haver uma prática educativa de resistência e de luta, contribuindo para concretizar uma educação universal e a aplicação de elementos dessa prática em contextos educacionais formais e informais no Brasil, enquanto um Sistema artístico-marcial dinâmico, como uma base pedagógica e de autodefesa de si e de seus praticantes.

Palavras-chave: Capoeira Angola. Educação. Transmissão de saberes. Sistema Artístico-marcial.

Abstract

This article analyzes Capoeira Angola as a practice of constructing, defending, and transmitting of knowledge within Brazilian communities, in its African roots. The first premise is that, in the current capitalist scenario, schools do not aim to provide equal access to knowledge for the entire population, so that education is closely linked to politics. This research, based on secondary sources about the practice of capoeira and sources on the role of education and philosophy in the current world, is justified by the need to understand how Capoeira Angola resists oppression and perpetuates ancestral knowledge, being able to offer traces of how to have an educational practice of resistance and struggle, contributing to the realization of universal education and the application of elements from this practice in formal and informal educational contexts in Brazil, as a dynamic artistic-martial system, as a pedagogical and self-defense for oneself and its practitioners.

Keywords: Capoeira Angola. Education. Knowledge transmission. Artistic-martial system.

Resumen

Este artículo analiza la Capoeira Angola como práctica de construcción, defensa y transmisión de conocimientos en las comunidades brasileñas, en sus raíces africanas. El primer supuesto es que, en el actual escenario capitalista, la escuela no pretende garantizar el acceso igualitario al conocimiento para todos. toda la población, de modo que la educación está estrechamente vinculada a la política. Esta investigación, basada en fuentes secundarias sobre la práctica de la capoeira y en fuentes sobre el papel de la educación y la filosofía en el mundo actual, se justifica por la necesidad de comprender cómo la Capoeira Angola resiste la opresión y perpetúa los conocimientos ancestrales, pudiendo ofrecer huellas de cómo tener una práctica educativa de resistencia y lucha, contribuyendo a alcanzar la educación universal y la aplicación de elementos de esta práctica en contextos educativos formales e informales en Brasil, como sistema dinámico artístico-marcial, como base pedagógica y de autodefensa y su practicantes.

Palabras clave: Capoeira Angola. Educación. Transmisión de conocimientos. Sistema artístico-marcial.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo como temas de pesquisa as Artes Marciais e Ciências da Guerra. Professor de Filosofia da Rede Estadual/RJ. E-mail: felipearaujo.fernandes87@gmail.com.



1. Introdução

Desde o início, a humanidade enfrentou diversos desafios naturais, desenvolvendo conhecimentos e tecnologias para sobreviver, como as ciências, filosofias e artes e invenções. Para evitar ter que “descobrir a roda” a cada novo dia, era necessário preservar e compartilhar esses saberes. Esse é o papel da cultura, das tradições, dos legados. Cultura, em sua origem etimológica está relacionada a cuidado, como explica a filósofa Marilena Chauí (2018).

No contexto globalizado atual, é fundamental que o acesso ao conhecimento seja amplo e democratizado, como evidenciado pela pandemia de COVID-19, quando ficou evidente que limitar o conhecimento a poucos (uma vacina, por exemplo) é um risco para toda a humanidade, porque o vírus pode continuar se desenvolvendo em outras partes do mundo. Logo, em casos como este, é preciso que o conhecimento seja “democratizado”. Sobretudo quando percebemos os efeitos do isolamento para a sociedade como um todo e para os adolescentes, em específico (Fernandes, 2023b).

É a partir dessa reflexão inicial que este artigo dialoga com o tema da “Produção, difusão e democratização do conhecimento”. E este tema, por sua vez, dialoga diretamente com o tema da educação, afinal, é função da educação lidar com o processo de construção, conservação e transmissão dos saberes produzidos pela humanidade, nesses vários milênios de existência.

O ponto é que a escola formal, no cenário do mundo capitalista, embora afirme que o processo educativo é direito de todos (como afirma o artigo 205 da Constituição (Brasil, 1988)), na prática, nem permite a todos o acesso a ela. Com isso não desejo atacar a educação formal, muito pelo contrário. O objetivo desse texto é fazer uma crítica radical a este modelo de educação, no sentido de ir à raiz do problema, que é justamente o de impedir que toda a humanidade possa acessar o conjunto dos saberes acumulados por ela. Assim, em vez de atacar a escola formal, me interessa defendê-la, e entender as bases que tornam a educação formal um direito de poucos, para, então, mudar esse quadro e fazermos uma defesa intransigente por uma educação pública, gratuita e para todos, da creche até a pós-graduação.

O primeiro pressuposto deste artigo é o de que a escola no cenário do mundo capitalista atual (em sua fase imperialista) não tem como intenção permitir o acesso ao conhecimento a toda a população. Em verdade, o imperialismo fez uma decisão (nos últimos anos) de produzir uma educação diferente para camadas diferentes da sociedade, com o objetivo de “economizar dinheiro”. De modo que há níveis de educação distintos, afinal, nessa perspectiva, nem todo pobre precisa fazer doutorado, mestrado ou mesmo graduação.

No caso do Ensino Básico, como as lutas sociais já conquistaram esse direito, retirá-lo seria um golpe muito perigoso para as elites, que poderia “sair pela culatra”. Assim, em vez de destruir por completo as escolas públicas, o que tem sido feito é um processo de sucateamento intenso dessas escolas e privatização delas. A reforma do Ensino Médio é uma dessas medidas de destruição da educação, mas de forma maquiada, com um discurso de atualização e adequação aos “novos tempos”. Dessa maneira, a educação é destruída enquanto a escola permanece em pé (ao menos, por enquanto). Já em sala de aula o que vemos é um cenário alarmante, de salas lotadas, matérias que ninguém sabe do que se trata, alunos sendo empurrados ao mundo do trabalho precarizado,

adoecimento de professores e estudantes, falta de vontade de estudar, de fazer faculdade, de lutar pela educação.

Com isso, meu interesse é menor em apontar alternativas pedagógicas para a questão da educação e maior apontar como a base política tem uma relação fundante no modo de fazer educação, como denuncia Freire (2018). Assim, não adoto uma conclusão, por exemplo, de que os alunos estão desanimados porque as “metodologias” dos professores são “velhas” e porque temos um “novo alunado”. Nessa perspectiva, uma possível solução seria os novos métodos como a “gamificação”, as “novas tecnologias”, a “ludicidade”, ou seja, qual for o método inovador que sonha cativar o “novo estudante”.

A meu ver, a questão não é pedagógica, mas, política. Os alunos estão desanimados porque eles são inteligentes e já entenderam que para a maioria da classe trabalhadora fazer faculdade é impossível. Para apresentar dados, segundo o Censo do Ensino Superior de 2022 (INEP, 2023), apenas cerca de 25,2% dos jovens entre 18 e 24 anos frequenta ou já concluiu o ensino superior. Ou seja, a imensa maioria dos jovens não entra para a faculdade e um número ainda menor conclui.

Entre estes, a pesquisa aponta que 21,2% sequer frequenta o Ensino Médio. Já segundo os dados da Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2023 (Viana, 2023), cerca de 10,9 milhões de jovens (entre 15 e 29 anos) não frequentavam a escola e nem estavam no mundo do trabalho (em 2022). É a chamada geração “nem-nem”; nem estuda e nem trabalha. Aqui não irei me aprofundar nas motivações para esse quadro e muito menos nas condições de trabalho dos que estão inseridos no chamado “mercado de trabalho”, mas, é senso comum que os jovens ocupam os cargos mais precarizados e a tendência tem piorado com os ataques aos direitos trabalhistas e artifícios para precarizar o trabalho, como é o caso de plataformas de entregas que não constituiu vínculo empregatício, logo, exime as empresas de qualquer suporte ao trabalhador.

O cenário é o de jovens que sabem que, para os pobres, é quase impossível entrar na faculdade e mesmo aos que se sacrificaram para concluir uma graduação, sabem que a maioria é empurrada para o universo dos empregos precários, como, por exemplo, os aplicativos de entrega. Como animar esses jovens a estudar? Como afirmar que o problema do “desânimo” e da “falta de interesse” é culpa do jovem ou culpa da metodologia inadequada dos professores?

Certamente é muito melhor aprender em um ambiente divertido, lúdico e dispondo de ferramentas tecnológicas. Mas, também é verdade que o processo de pesquisa, de construção de saberes, também é um processo de dedicação, esforço, gasto de tempo e energia. Achar a cura para um vírus, por exemplo, exige um trabalho árduo e insistente, por vezes, dolorido. Fazer ciência e filosofia é bem menos um jogo e bem mais uma luta, digamos assim.

É a partir desta constatação que trago a Capoeira Angola para pensar a educação, bem como o processo de transmissão de saberes. Esta prática, de raízes africanas, sofreu todo o tipo de ataques possíveis das classes dominantes, mas, apesar de tudo, conseguiu permanecer viva até hoje. Seus praticantes mais antigos (em sua maioria negros e pobres, muitos deles na condição de escravidão), apesar de todas as investidas coloniais, conseguiram manter o legado de seus ancestrais, não permitiram que essa arte perecesse (Soares, 2001). Os saberes antigos permaneceram e permanecem vivos, e não como conhecimentos deslocados do mundo real, mas, muito pelo contrário,



conectados com as questões reais da vida contemporânea, com os dilemas e desafios da vida real e atual, entendendo a sala de aula, em especial a aula de filosofia, como uma oficina de criação (Ceppas; Fernandes, 2017).

Se existem experiências no Brasil para nos inspirarmos no sentido de pensar a construção, proteção e difusão de conhecimentos, com certeza a Capoeira Angola é uma delas. Dessa forma, nós, educadores, temos muito a aprender com essa prática, no sentido de entender como seu conjunto de saberes pode ser passado para as gerações futuras, apesar de toda perseguição a seus praticantes e à prática em si. Nesta investigação veremos que isso se deu por suas bases filosóficas sólidas, por seus conceitos sofisticados, por suas metodologias e técnicas de transmissão, por sua pedagogia e por suas habilidades artístico-marciais.

A Capoeira Angola é bem mais que apenas uma prática acrobática, uma expressão artística, uma manifestação cultural. Ela pode ser isso tudo também, mas, antes, ela é uma luta, uma arte marcial. É justamente por isso que ela tem condições de seguir sobrevivendo e ensinando seus zeladores (mestres e discípulos) a sobreviverem e manterem vivo seu legado, “um protege o outro”.

Assim, entendo que temos muito a aprender com esta manifestação. Se a educação pública recebe ataques e entendemos que devemos lutar pela sua universalização, então, a Capoeira Angola é uma fonte de ensinamentos de como enfrentar esses inimigos. Sobre tudo porque estamos falando de algo que é nosso, ou seja, foi cunhada pelos negros, pelos pobres, se formou em território brasileiro, sentindo na pele os ataques do opressor. É uma manifestação que está intimamente ligada com nossa própria história. E se pensamos a realidade dos nossos estudantes, filhos da classe trabalhadora, em sua maioria negros, então, nos daremos conta de que a Capoeira tem a “sua cara”, percebendo eles ou não.

Talvez, antes de importar teorias pedagógicas “mirabolantes”, supermodernas e inéditas, devêssemos investigar métodos tradicionais de ensino, como a Capoeira, que há séculos ensina através do jogo, do riso, da malemolência a como nos colocar nesse mundo. Mas, que não fecha os olhos para o fato de que a vida é também luta, enfrentamento, e que exige “defesa e ataque, ginga de corpo e malandragem”, como diz a canção.

Buscarei aqui apresentar a capoeira como um tesouro incalculável de ensinamentos, para a tarefa que temos de enfrentar os ataques contra nós, nessa sociedade dividida socialmente.

2. Metodologia – Nossas bases

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa e exploratória, com base em uma revisão bibliográfica e análise documental de textos e registros históricos sobre a Capoeira Angola. A pesquisa foca na análise de práticas pedagógicas e filosóficas da Capoeira Angola, buscando entender como essas práticas contribuem para a construção, defesa e transmissão de saberes dentro de comunidades afro-brasileiras. Os dados foram coletados a partir de fontes secundárias, como livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses e documentos históricos que abordem a história, a filosofia e a pedagogia da Capoeira Angola, bem como as próprias experiências práticas, por parte do autor. A análise se concentrará em identificar os princípios educativos presentes na capoeira e sua aplicabilidade em contextos educacionais, destacando sua relevância como forma de resistência cultural e social.

3. Discussão

A produção de conhecimentos é tema central dentro da filosofia, nas áreas que são comumente chamadas de epistemologia, teoria do conhecimento e gnosiologia. Nelas, há um debate contínuo sobre a possibilidade (ou não) de se conhecer o mundo, dos limites e avanços nesse processo e dos métodos para que isso ocorra. Há, por exemplo, linhas que defendem a proeminência da razão, outras da empiria. Há linhas que apontam a centralidade da Ideia, e outras, da Matéria. Há as que separam sujeito e objeto e outras que criticam essa divisão estanque.

Na tradição filosófica ocidental, de origem grega, sobretudo com Platão, temos um destaque para o Idealismo, sobre as vertentes materialistas. Assim como uma visão dualista de mundo, que separava corpo e alma, teoria e prática (Reale; Antiseri, 2003). Essas teorias se perpetuaram através do cristianismo, por exemplo. Tendo como conclusões a ideia de que o corpo e a sensibilidade devem ser colocados em segundo plano, e até ignorados, caso queiramos acessar o mundo das Ideias verdadeiras. Dentro dessa malha conceitual é que se insere a divisão binária entre trabalhos intelectuais e trabalhos manuais, favorecendo o primeiro, enquanto desqualifica o segundo.

Obviamente que concomitantemente a essas linhas filosóficas, havia tantas outras que, inclusive, combatiam essa concepção binária e hierárquica. É nesse contexto que trazemos a Capoeira Angola como um exemplo no qual essa concepção dualista de mundo é enfrentada. As bases filosóficas da capoeira se apresentam como inimigas desse binarismo teoria-prática, corpo-alma.

Há na capoeira uma necessidade intrínseca entre pensar e agir. Toda ação precisa ser pensada antes e depois de sua aplicação. Assim como toda “teoria”, precisa ser extraída do real e testada também na realidade. Isso faz parte das bases filosóficas de raízes africanas. Mas, além disso, fazem parte de uma necessidade de sobrevivência dessa manifestação.

A capoeira sempre teve um traço de resistência, que não era apenas teórica, mas, prática como aponta, por exemplo, Carlos Eugênio Líbano Soares (2001), em sua obra *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Esse aspecto de luta e resistência permitiram que ela não sucumbisse às investidas dos opressores. Ela não poderia ser dar ao luxo de ser apenas um exercício de contemplação e reflexão. A realidade nua e crua a impelia a sempre precisar levar para a prática suas bases filosóficas, epistemológicas e técnicas. Nesse sentido, a capoeira não é uma filosofia, num sentido mais restrito de filosofia, como um exercício de mera análise e reflexão sobre o mundo. Mas, também não é apenas uma arte, se enxergarmos arte como um exercício desinteressado, que serviria apenas para o artista se expressar e fruir.

Dessa forma, a Capoeira está mais próxima de uma ciência, uma vez que tem em comum o objetivo de descrever, explicar e prever fenômenos naturais, buscando um conhecimento progressivo e acumulado, que possa ser aplicado no desenvolvimento de tecnologias e na melhoria das condições de vida humana.

Mas, isso também é apenas uma aproximação, uma comparação, e não uma definição. Meu objetivo é mostrar do que se aproxima essa prática. Podemos dizer, portanto, que a capoeira possui uma base filosófica (pois trabalha com conceitos para explicar o mundo), uma preocupação artística (pois visa a liberdade de expressão e de relação com o externo) e que se ampara em uma metodologia científica para produzir-preservar suas tecnologias de autodefesa. Isso porque opera com



a investigação, a observação, a experimentação, a formulação de hipóteses e a verificação empírica destas hipóteses. Assim ela consegue, por exemplo, ter um sofisticado sistema de defesa pessoal, uma virtuosa habilidade artística (música, dança, teatralidade, composição, etc.), um método muito avançado de metodologias didáticas e uma pedagogia muito própria (Fernandes, 2022).

Com isso, podemos concluir que embora esteja muito fincada no mundo prático, ela não se limita a se um mero pragmatismo, um empirismo, nem mesmo se limita a uma formulação ao nível de senso comum ou mítico do mundo. Para sobreviver por tantos séculos, sob ataques contínuos, ela precisou ir além da operação prática, além da mera realização de “tentativa e erro”. Foram necessários processos cognitivos e intelectuais avançados, como reflexão, criticidade, problematização, abstração, sistematização, conceituação, formulação e tantas outras operações mentais. É justamente por isso que ela é vista como uma “tecnologia” capaz não apenas de sobreviver até hoje, mas, especialmente, capaz de pensar o mundo de hoje e entender como lidar com ele, com seus desafios atuais. Ou seja, ela se conecta com o “aqui e agora”, lida e elege como se posicionar. Nesse sentido, novamente, o aspecto de arte marcial é destacado, porque se trata de inventar formas de se colocar no mundo, de lidar com ele em sua dinâmica e, ao mesmo tempo, lutar pela sua sobrevivência, o que exige assim, criar estratégias e táticas, além de ferramentas combativas. De tal maneira que a defino aqui como um Sistema Artístico-Marcial.

Como todo sistema, trata-se de um conjunto organizado de elementos interdependentes que interagem entre si para alcançar um objetivo comum. E, segundo a Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida por Ludwig von Bertalanffy² (1968), tem algumas características como: **Totalidade**: um sistema deve ser visto como um todo integrado, e não apenas como uma coleção de partes isoladas; **Interdependência**: os elementos de um sistema estão interligados e dependem uns dos outros para funcionar corretamente; **Sinergia**: a interação entre os elementos de um sistema cria um efeito combinado que é maior do que a soma das contribuições individuais; **Homeostase**: os sistemas tendem a manter um estado de equilíbrio interno, mesmo em face de mudanças externas.

Outra característica de sistemas complexos é sua capacidade de **Adaptação**, ou seja, de se ajustar às mudanças em seu ambiente para garantir sua sobrevivência e sucesso. E, com já apontado, a Capoeira sobreviveu até os dias de hoje justamente porque conseguiu se adaptar e manter esse estado de equilíbrio, enquanto um sistema aberto, ou seja, aqueles que trocam constantemente “matéria e energia” com o ambiente.

E nessa troca, a Capoeira foi aprendendo com essas interações com o meio e com os “retornos” que recebia de suas próprias ações, o que Wiener (1948) chamaria de *Feedbacks*³. Ou seja, a Capoeira analisa o ambiente externo e analisa seu próprio comportamento em meio ao ambiente, percebendo o que faz sentido ou não, o que é proveitoso ou não, gerando assim as condições de seu desenvolvimento e melhorias. Foi assim que ela foi capaz de sobreviver e se adaptar, quando preciso. Por vezes, aparecendo mais como luta, outras como “dança” ou “acrobacia”, outras vezes como “ginástica ou esporte”, outras como cultura popular.

2 Sobre o tema, sugerimos a obra do autor: *General System Theory: Foundations, Development, Applications* (New York: George Braziller), de 1968. Embora a obra mais relevante tenha sido publicada neste ano, Bertalanffy já estava desenvolvendo sua teoria anos 1930 e 40.

3 Este conceito é normalmente traduzido como retroalimentação ou realimentação. E foi desenvolvido pelo filósofo Norbert Wiener, na obra *Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine*, em 1948.

E um dos elementos desse sistema é a musicalidade, bem como a sua pedagogia e sua base filosófica. Outro elemento importante é a própria roda e o jogo, além dos rituais e fundamentos, como a ancestralidade e a malandragem (Fernandes, 2024). Enquanto um Sistema artístico-marcial, ela possui, essa dupla natureza, de arte e de marcialidade (Fernandes, 2019).

De um lado ela é criativa, inventiva, expressiva, sensível, ela produz um processo que plasma no mundo a forma do artista de colocar sua humanidade no mundo, expondo seus sentimentos e sugerindo mundos possíveis. E, de outro, ela é combativa, guerreira, marcial. Ou seja, ela desenvolve a nossa capacidade de mobilizar nossos recursos para aplicar nossas vontades, através da relação com a força e com a violência, vamos aprendendo a enfrentar os desafios e lutar pela efetivação de nossos objetivos. Nesse processo belicoso aprendemos a nos defender (e a defender os nossos), bem com a atacar. Fazendo isso não de forma meramente instintiva, mas, estratégica, inteligente e elaborada.

Trata-se, portanto, de um Sistema Autopoiético, que é aquele capaz de se produzir e se manter a partir de seus próprios componentes e processos, como aponta Niklas Luhmann (1995). Assim, trata-se de um sistema que pode se reconstruir a partir de seus próprios elementos, mantendo sua identidade ao longo do tempo, possuindo uma autonomia em relação ao ambiente, por mais que sempre precise interagir com ele, obviamente. Tal como uma célula ou como o corpo humano.

Diferente dos Sistemas alopoiéticos (Luhmann, 1995), que são alimentados por elementos externos e geram produtos internos, como, por exemplo, um computador ou uma linha de produção, que necessita de comandos e instruções externas, bem como matéria-prima e energia, e cria também um produto externo, que não é utilizado para sua própria sobrevivência. É o caso de uma fábrica de carros, cujo produto criado em nada atua para sua sobrevivência e necessita de agentes para realizar a manutenção de sua sobrevivência.

A capoeira, por outro lado, produz seus próprios movimentos, músicas, instrumentos, conceitos, teorias. Ela interage com o ambiente de forma autônoma, mantendo sua identidade, se modificando, quando preciso, para se adaptar ao meio, sem se anular por completo. Há o processo artístico de “*poiesis*”⁴, responsável por criar não apenas a arte em si, mas por criar, inclusive, as ferramentas de intervenção no real, que são, forçosamente, ferramentas de combate, armas e armaduras. Essas armas, por vezes, são o próprio corpo do artista, do capoeirista. Assim, arte e artista se misturam (Fernandes, 2023a), assim como se mistura a guerra e o próprio guerreiro.

Essa tecnologia de autodefesa permite proteger ao mesmo tempo a própria técnica e seu aplicador, a arte e seu artista. E o artista, por sua vez, ao proteger esse legado, protege a si mesmo. Mantendo a ideia de algo que garante sua própria sobrevivência. Assim, podemos dizer, em diálogo com o conceito de *autopoiesis*, que se trata de um sistema de autodefesa também, em seu sentido mais amplo. Que protege a integridade física dos praticantes, obviamente, mas, que protege o próprio Sistema. Protegendo assim, o conhecimento que se produziu, elaborou e experimentou no “calor da guerra”. Não se trata, portanto, de uma mera técnica de “defesa pessoal”, caso esta seja

⁴ O conceito de autopoiese foi introduzido pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, na década de 1970. Eles desenvolveram essa ideia inicialmente para descrever as células vivas e mais tarde expandiram o conceito para sistemas biológicos e sistemas sociais. Para saber mais, ver: Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living (1972).



pensada na defesa individual de uma única pessoa, mas de uma defesa “comunitária”, pois defende o conjunto de seus praticantes, e as bases científicas que permitem a perpetuação desse legado.

Novamente, aponto para o fato de haver uma profunda capacidade epistêmica-conceitual nessa manifestação, não se limitando a ser apenas uma mera modalidade de dança, ou de esporte, ou de expressão cultural. Minha hipótese, é que a Capoeira estaria mais próxima de uma Linguagem, do que de uma manifestação cultural ou expressão artística isolada. Assim, seria como o Teatro, como a Música ou o Cinema. E mais distante de uma escola ou movimento artístico. De modo que dentro da capoeira seja possível essas escolas, movimentos e linhas. Como é o caso da Capoeira Angola, por exemplo, a meu ver.

Com isso, destaco o elemento de comunicação da capoeira, que é central. Sem comunicação não há capoeira. E a comunicação se dá de forma complexa e rica, utilizando sinais sonoros, corporais, verbais e não-verbais, narrativos e conceituais, dramáticos e poéticos. Capoeira, muitas vezes, é chamada pelos mestres como uma conversa, um diálogo. Assim, o importante é conversar, fazer perguntas e dar respostas, interagir de forma espontânea. Uma boa conversa precisa ser fluida, “natural”, e não “truncada”, travada, cheia de ruídos. Como toda conversa, ela pode ter diversos temas, intenções, mensagens, sotaques, expressões e até línguas diferentes convivendo.

Como em uma conversa, não há vencedores e perdedores. Mas, podemos dizer que há aqueles que dispõe de melhores condições de dar respostas e fazer perguntas. Assim é o jogo da capoeira, um jogo de perguntas e respostas.

Se alguém acha importante um jovem desenvolver sua capacidade comunicativa, sua capacidade de expressão e de interação, então, a Capoeira tem muito a ensinar para este jovem. Igualmente, para o educador, preocupado com esses atributos.

Ela desenvolve a autonomia e autenticidade, através do jogo, bem antes dos manuais e empresas da educação falarem de gamificação e “sala invertida”. O mestre é aquele que prepara seu aprendiz para o momento da roda. E a roda, é o momento em que o aprendiz coloca em prática tudo o que aprendeu. Não da forma como o mestre o ensinou, como um movimento de reprodução de fórmulas e gestos, muito pelo contrário, roda é o momento de jogo, algo que todo ser humano está acostumado desde criança. É um ambiente de liberdade para ser quem se é, ao mesmo tempo em que interage com os outros. Esse processo exige, portanto, observações, investigações, acordos, negociações, tensão, por vezes. Mas, ali, o aprendiz precisa ser ele próprio, precisa manipular os recursos que aprendeu para ele próprio produzir sua conversa.

O mestre não pode conversar por ele, não pode decidir por ele, não pode substituí-lo, como tantas vezes fazem os responsáveis, os líderes religiosos, os patrões, os professores... Ali, ele vai assinar sua própria obra. E tudo o que ele precisa é seu próprio corpo. Todos têm um corpo. Obviamente, que os corpos são diferentes, possuem potências e limitações distintas, mas o foco não é ser a performance competitiva. O “vencedor” não é o mais forte, ou rápido, ou mais flexível.

O “vencedor”, se fôssemos pensar nessa lógica (o que não é o caso), será justamente o que usa melhor seus recursos, que usa o “pouco” que tem. Não é à toa que muitos novatos podem dar uma rasteira nos mais antigos. A questão é a malandragem, a malícia, a mandinga. Esses são os elementos a serem valorizados.

E como todo diálogo, trata-se de uma cooperação e não de uma competição. É isso o que a Capoeira Angola mais destaca. Assim, diminui-se o aspecto “esporte-competição” e se dá mais destaque à expressividade, à malícia, à estratégia, à capacidade de se colocar de forma autoral, usando tão somente o que se possui e, nisso interagir com o outro, apresentando perguntas que gerem desafios na hora de serem respondidas e, por outro lado, respondo de forma original, às perguntas feitas pelo outro.

É difícil dizer uma “escola modelo” que seja capaz de oferecer isso a um adolescente ou criança. O aprendiz de Capoeira Angola não é visto como um robô que copia o que está no quadro, depois reproduz na prova o que foi apresentado. Ele, na verdade, precisa aprender a manipular todas as ferramentas para produzir conhecimento. E isso se inicia pelo corpo, pelo que é próprio de todo ser humano. Por isso não é preciso argumentos para convencer, porque quem “convence” é a própria necessidade de agir. Basta tocar o berimbau e o ataque que o corpo responde.

Mas, também é verdade que não podemos nos limitar a essa “reação”, essa responsividade. É preciso que essa resposta, alcance o nível de “responsabilidade”, ou seja, uma resposta que torne cada vez mais consciente as intenções, objetivos, necessidades e estratégias de realizar o que precisa ser realizado. Ser responsável, nesse sentido é responder por si mesmo, e isso exige consciência, estudo, planejamento, método, conceitos.

A capoeira Angola possui um aspecto de construção de conhecimento, e não apenas de reprodução ou reconhecimento, e esse processo se dá, sobretudo, por sua base filosófica que aponta a não divisão de corpo-mente, de intelecto-manualidade. Ela não se perde nem no mundo das meras teorias e nem se restringe a ser apenas uma técnica pragmatista.

Ora, isso é central para pensar a escola atual. Sobretudo em um mundo pragmático, no qual os estudantes sempre nos perguntam: “Pra que isso vai servir na minha vida?”. Em uma sociedade utilitarista, parece inútil estudar conteúdos que “nunca” serão usados, ou mais ainda: parece inútil estudar se isso não for garantir um emprego bom. Vemos que o antigo dilema filosófico sobre teoria-prática está ainda presente.

E a coisa piora quando pensamos que o mundo atual capitalista, ao inferiorizar os trabalhos manuais e ao demonizar o corpo, produz uma escola que castra a liberdade dos alunos. Tanto castrando suas expressividades, quanto retirando matérias como Educação Física de todas as séries. Assim, não se tem nem um aluno “mero intelectual” e nem um aluno “mero atleta”. O que sobra para nossos estudantes?

Na Capoeira Angola todos precisam ser corpo e mente. Não há um sem o outro. Em um jogo de capoeira é preciso pensar, elaborar, errar, refletir, experimentar, digerir, calcular, criar estratégias, etc. E, ao mesmo tempo, é preciso mexer o corpo, se exercitar, se expressar, cantar, compor, bater palma, cair, sentir medo, sorrir, etc. A Angola é uma oficina de experimentação da omnilateralidade humana, das múltiplas faculdades que temos potencialmente, mas que são, em geral, reprimidas e castradas.

A capoeira se desenvolve como uma forma de resistência dos africanos escravizados no Brasil. Esse contexto histórico a coloca como uma prática carregada de saberes ancestrais e conhecimentos transmitidos oralmente e corporalmente. A resistência cultural manifesta através da



capoeira, representa uma forma de preservação e transmissão de conhecimentos que desafiam as narrativas hegemônicas, constituindo-se assim como um elemento fundamental na produção de saberes dentro das comunidades afro-brasileiras. A capoeira, nesse sentido, não é apenas uma arte marcial, mas também um sistema de transmissão de memórias coletivas, estratégias de sobrevivência e identidade cultural.

A capoeira se caracteriza por ser transmitida principalmente através da oralidade e da prática corporal. Em uma sociedade onde o conhecimento formal escrito é frequentemente privilegiado em detrimento das tradições orais, a capoeira se destaca como uma forma de educação que valoriza o corpo como veículo de saberes. Mestres e praticantes de capoeira perpetuam não apenas as técnicas de combate e jogo, mas também histórias, canções, rituais e filosofias que são passadas de geração em geração. Esse processo de aprendizagem é participativo, experiencial e comunitário, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva e a manutenção de uma memória cultural viva.

A capoeira pode ser vista como uma forma de “educação popular”, em que o conhecimento é democratizado e acessível a todos, que estejam dispostos a aprender. Paulo Freire (2018), em sua pedagogia da libertação, enfatiza a importância do diálogo e da prática educativa como meios de construção do conhecimento. A capoeira, ao promover uma educação que é, ao mesmo tempo, prática e crítica, pode ser interpretada como uma aplicação dos princípios freirianos, pois envolve o aprendiz de maneira integral, estimulando-o a refletir sobre sua própria realidade e a atuar sobre ela. Esse aspecto da capoeira como prática educativa reforça sua capacidade de produzir e disseminar conhecimentos que vão além da mera técnica, integrando valores éticos, culturais e políticos.

As rodas de capoeira, locais onde se realizam a experimentação desses aprendizados, são espaços comunitários e simbólicos onde ocorre a troca de saberes em sua potência mais alta. Dentro da roda, os participantes não apenas jogam capoeira, mas também compartilham histórias, músicas e reflexões sobre a vida e o mundo ao redor. Esse ambiente se configura como um espaço de aprendizagem coletiva e de construção de conhecimento, onde os participantes desenvolvem habilidades sociais, estratégicas e cognitivas. A roda de capoeira, portanto, pode ser vista como um microcosmo educativo, onde o conhecimento é construído de maneira colaborativa e horizontal.

A roda da Capoeira Angola opera, dessa maneira, como uma espécie de denúncia-enfrentamento à lógica pedagógica burguesa, que se fundamenta em uma competitividade entre os estudantes. O método da escola formal é a competição.

As notas (numéricas ou não) colocam os estudantes em um sistema de hierarquização, como se os com maiores notas fossem “inteligentes” e os com notas baixas “burros”. Esse modelo, em vez de focar nas dificuldades dos alunos e reforçar as potências, na verdade, bonifica os que têm facilidade em certas tarefas e inferioriza os que têm dificuldades.

Essa competição-hierarquização se dá também na bonificação de alunos que “se comportam”, ou seja, alunos que ficam calados, parados, submissos, de cabeça baixa são considerados os melhores. Já os que se movimentam, discordam, conversam, gritam, pulam, etc., são vistos como maus alunos. Não estou “romanizando” os desrespeitos e a falta de concentração dos jovens, mas é natural que crianças e adolescentes se movam, falam, gritem, além de natural é saudável. E, além

de tudo, é um “problema” que não se resolve reprimido, mas, justamente, gastando essa energia da forma correta.

A ideia de competição se dá também (e especialmente) nas práticas esportivas. Parece que a tarefa do “educador físico” é ensinar a competir, sempre na intenção de ganhar do outro. Os jogos competitivos reinam nas escolas. Novamente, não proponho aqui extingui-los, mas devemos considerar outras formas de pensar a educação física através de modalidades não competitivas. Por que não podemos simplesmente dançar sem competir? Ou fazer teatro sem competir? Ou pular, plantar bananeira, nadar, correr, alongar, escalar, mergulhar? Sempre é preciso competir? Não são possíveis jogos de cooperação? Existem jogos de interpretação de papéis como RPG e teatrais, jogos de construção, quebra-cabeças, jogos de exploração, “Escape rooms” e tantos outros.

E mesmo na lógica da competição, por que as competições quase sempre são no sentido de vencer o outro, de ver o outro como um adversário? Esta é uma forma de reprodução de uma lógica de esportivização da sociedade capitalista, na qual estamos sempre impelidos a competir com o outro, a vê-lo como inimigo, adversário a ser vencido. Essa lógica reproduz uma forma adoecida da sociedade capitalista, que é um sistema de competição e enfrentamento constante.

Essa a ideia de “gamificação”, que está em voga nas empresas e escolas atualmente, reproduz os aspectos mais perniciosos dos jogos, o seu lado mais individualista e egoico, deixando de lado a riqueza que os jogos podem proporcionar para os jovens e para a sociedade. Com isso, tem-se uma sociedade menos comunitária e mais individualista. Perde-se inclusive o lado lúdico dos jogos, e se favorece o lado das disputas. Até nas competições artísticas coloca-se a competição: concurso de dança, de poesia, de beleza, etc. vale dizer que atrelada a essa metodologia temos uma base ideológica da meritocracia, dos jogos de apostas, do acúmulo de bens e todo um conjunto de efeitos colaterais, mascarados de “games”, mas que na verdade servem para esconder o fato de que as empresas querem produtividade e a escola acaba sendo um “estágio” para essa forma de comportamento empresarial.

A capoeira Angola vai na contramão dessa lógica. Ela enfrenta o tempo produtivista do Capital, apresentando a vadiagem, o direito ao tempo dedicado a si mesmo, à alegria, e não ao produtivismo e à competição.

A Capoeira Angola é um jogo, em seu sentido mais profundo. É, antes de tudo, uma ação comunitária. Exige que nos conectemos com o outro, não para disputar, vencer e pisar no outro, mas para aprender com o outro, para extrair o que há de melhor do outro e de nós mesmos. Exige que criemos regras e as respeitemos. Se preciso, podemos até reconfigurar e realinhar os acordos, mas, o fazemos de forma coletiva. Qualquer criança já teve essa experiência social. É algo anterior à própria cultura, dirá Johan Huizinga, em seu *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura* (2014).

Esse aspecto comunitário da capoeira se dá fundamentado na roda. Na qual cada um pode se enxergar como igualmente importante. Todos participam: com palmas, jogando, cantando, tocando e “colocando energia”, como se costuma dizer. Todos participam dos rituais, de forma que partilham de um senso de comunidade, de grupo coeso.

Essa ideia de comunidade, é contrária à lógica imperialista. E não é à toa que a Capoeira foi tão atacada, afinal, ela enfrenta a ideologia do egoísmo e do acúmulo do capital, no qual o acúmulo



está acima até da própria dignidade humana, da solidariedade e da ética. Nesse sentido, a Capoeira Angola tem algo de enfrentamento ao imperialismo, à colonização, porque sua lógica não é a pressa e a competitividade, mas dos laços comunitários. E, por mais que tentem arrancar esse fundamento da capoeira, transformando-a em mero “esporte de competição” ou “esporte de combate”, ela segue sendo bem mais que isso. Sendo arte, filosofia, ciência, medicina, terapia.

E quando pensamos em ciência e filosofia, novamente vem à tona o tema da “produção, difusão e democratização” do conhecimento. Em um sistema econômico do egoísmo, como falar de democratização do conhecimento? O capitalismo é contra a democratização do conhecimento. Desde a colonização os saberes dos povos não-europeus eram apagados ou, apropriados de forma mercantilizada e sem dar mérito aos seus desenvolvedores. Os saberes indígenas e africanos foram massacrados ou expropriados. Os “criadores e defensores da democracia”, na verdade sempre impuseram, saquearam, exploraram, escravizaram e todo o tipo de mazela. Em verdade, seu próprio modelo de democracia é questionável, afinal, não é a vontade do povo que é aplicada.

Lutar por uma real universalização dos saberes acumulados por toda humanidade implica, necessariamente, enfrentar essa lógica bancária. Não só de um “conhecimento bancário”, como denuncia Paulo Freire (2018), no qual vemos as crianças como locais de depósito de informações, mas porque a lógica de banco permeia toda a sociedade, a lógica do acúmulo de riqueza, que vende a ideia de que ter prestígio social é ter dinheiro, bens, propriedade privada. Essa lógica norteia a sociedade e, portanto, opera também na escola. E nessa lógica a competição, a meritocracia e a ideia de que temos que nos matar de trabalhar são princípios.

Contudo, construir saberes, desenvolvê-los e compartilhá-los com toda humanidade vai na contramão desta sociedade, de classe. A Capoeira Angola é um exemplo no qual o saber é compartilhado para benefício do bem comum, da comunidade. E o conjunto de saberes que compõem esse Sistema são importantes para pensarmos como as classes oprimidas possuem todas as condições de construir um mundo justo e igualitário. Afinal, apesar de todos os ataques e de toda a pauperização, aprendemos a dividir o pouco e dele tirar o máximo de proveito possível.

O ponto é que enquanto os meios de produção estiverem nas mãos de um restrito grupo, eles seguirão tendo controle do que é produzido. Se as empresas de vacinas e remédios estão nas mãos de um pequeno grupo de famílias, elas seguirão decidindo os preços dos remédios, e as patentes estão acima da saúde do povo.

O mesmo ocorre com a educação. Os livros escolares, por exemplo, são produzidos por empresas privadas e não por empresas públicas. A comida das escolas vem de empresas privadas. Bem como computadores, ar-condicionado, internet, etc. “As escolas são públicas, mas quase tudo nelas está privatizado”⁵.

Novamente, insisto no ponto de que o problema é político, antes de ser pedagógico. Trata-se de uma lógica de mundo, a qual nos submetemos. E muito embora não se resolve um problema político com a educação, a educação tem um papel central, seja para reproduzir e perpetuar essa lógica, seja para denunciá-la e instrumentalizar aqueles que desejam enfrentá-la.

5 Referência a artigo de minha autoria sobre o tema. Disponível em: <https://marxismo.org.br/as-escolas-sao-publicas-mas-quase-tudo-nelas-esta-privatizado/>.

Nisso, a capoeira tem um papel central, afinal, ela serve como uma caixa de ferramentas, que nos ensina a como enfrentar essa lógica colonizadora, racista, imperialista. É o que ela tem feito nos últimos séculos. Temos muito a aprender com ela. E muito a contribuir com a luta daqueles mestres e mestras que a criaram.

4. Considerações finais

Este artigo buscou apresentar a Capoeira Angola enquanto uma prática ancestral de resistência, que nos ensina a importância da preservação e transmissão dos saberes culturais com um sofisticado arcabouço para esta tarefa. A Capoeira Angola não é apenas uma expressão cultural ou uma dança; ela é uma pedagogia viva que desafia a lógica de exclusão e competição imposta pela sociedade capitalista, um Sistema Artístico-Marcial, com suas raízes fincadas na comunidade e na coletividade. A Capoeira Angola demonstra que o verdadeiro conhecimento é aquele que é compartilhado e vivido em conjunto, não guardado ou privatizado.

No entanto, enquanto a propriedade dos grandes meios de produção, incluindo os da educação, estiver nas mãos de uma elite dominante, a educação continuará a seguir uma lógica de competição, meritocracia e exclusão. O sistema capitalista, em sua fase imperialista, transformou o conhecimento em uma mercadoria para poucos, restringindo o acesso a ele com base em interesses econômicos e políticos. A educação, que deveria ser um direito universal, torna-se uma ferramenta de manutenção das desigualdades sociais.

Uma forma de enfrentar essa lógica é a luta por uma educação pública, gratuita e para todos, em todos os níveis. Uma educação que não só conserve e transmita os saberes acumulados pela humanidade, mas que também inspire uma prática pedagógica libertadora, capaz de romper com a lógica competitiva que permeia nossa sociedade. A Capoeira Angola nos oferece um exemplo poderoso de como podemos resistir e subverter essa lógica promovendo um espaço de aprendizado que valoriza a cooperação, o respeito e a solidariedade. Que possamos aprender com a capoeira a construir uma educação verdadeiramente emancipadora e autoral, onde todos possam ter acesso ao conhecimento e à cultura, sem barreiras ou exclusões. A palavra democratização só faz sentido em sua semântica mais original, ou seja, o poder do povo. Isso implica que o povo, ou seja, os mais pobres, aprendam a lutar por uma vida digna e feliz. Assim, o agir pela democracia não se limita a ser uma ação isolada em anos de eleição e passa a ser uma prática de disputa de modelo de sociedade. Uma sociedade que não tenha como foco a exploração e a manutenção das desigualdades.

Aos que querem se colocar nessa luta, a Capoeira Angola tem muito a nos ensinar enquanto tecnologia de autodefesa comunitária de saberes ancestrais.

5. Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. D.O. 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 jun. 2023.

BERTALANFFY, Ludwig von. **General System Theory: Foundations, Development, Applications**. New York: George Braziller, 2019.



CEPPAS, Filipe, FERNANDES, Felipe. A aula de Filosofia como oficina de criação. **Revista Ideação**. Edição Especial de 2017, p. 51-68.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos de Marilena Chauí**: O que é cultura? Grupo Autêntica, YouTube, publicado em 21 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-YQcFNoiDMw&t=78s>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FERNANDES, Felipe. A capoeira angola e sua pedagogia de transmissão: o aprender/ensinar e seus desdobramentos dialéticos. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MOVIMENTOS DOCENTES, 2022. **Anais eletrônicos** [...], Volume 3, Diadema; V & V Editora, 2022. P. 583 – 592.

FERNANDES, Felipe. Desafiando os problemas: um diálogo entre filosofia, educação e artes marciais. **Revista Ítaca**, n. 34, p. 145-170, 2019.

FERNANDES, Felipe Araujo. Quando a arte e o artista se misturam: a capoeira angola e a luta pela liberdade. **Revista Científica/FAP**, v. 28, n. 1, p. 79-109, 2023a. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/19805071.2023.28.1.7408>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FERNANDES, Felipe Araujo. A importância de uma Filosofia que pense o corpo no cenário pós-pandemia. **Ensino Em Perspectivas**, v. 4, n. 1, p. 1-23, 2023b.

FERNANDES, Felipe Araujo. A malandragem da Capoeira Angola como elemento de desenvolvimento da autonomia. In: III Congresso Brasileiro On-line de Ensino, Pesquisa e Extensão – ENSIPEX, 2024. **Anais** [...]. Brasília, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

INEP. **Censo da Educação Superior 2022**. Brasília: INEP, 2023.

LUHMANN, Niklas. **Social Systems**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

VIANA, Tatiane. IBGE: Brasil tem 10,9 milhões de jovens que não estudam nem trabalham. **Carta Capital**, 2023.

WIENER, Norbert. **Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine**. Cambridge, MA: MIT Press, 1948.

Como citar – ABNT

FERNANDES, Felipe Araujo. Construção, defesa e transmissão de saberes: Capoeira Angola e sua pedagogia. **Revista Poiesis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 22, e2024010, Dezembro, 2024.
<https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74815>

Como citar – APA

FERNANDES, Felipe Araujo. (2024). Construção, defesa e transmissão de saberes: Capoeira Angola e sua pedagogia. *Revista Poiesis Pedagógica*, 22, e2024010. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74815>

Apêndice – Informações sobre o artigo**Histórico editorial**

Submetido: 26 de agosto de 2024.

Aprovado: 30 de novembro de 2024.

Publicado: 22 de dezembro de 2024.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Felipe Araujo Fernandes ; **Introdução ou Considerações iniciais:** Felipe Araujo Fernandes ; **Referencial teórico:** Felipe Araujo Fernandes ; **Metodologia:** Felipe Araujo Fernandes ; **Análise de dados:** Felipe Araujo Fernandes ; **Discussão dos resultados:** Felipe Araujo Fernandes ; **Conclusão ou Considerações finais:** Felipe Araujo Fernandes ; **Referências:** Felipe Araujo Fernandes ; **Revisão do manuscrito:** Felipe Araujo Fernandes ; **Aprovação da versão final publicada:** Felipe Araujo Fernandes .

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poiesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poiesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (**Open Access**) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (**Article Processing Charges – APCs**). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

**Licença de uso**

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.

**Verificação de Similaridade**

Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço **Similarity Check** da Crossref.

**Processo de avaliação**

Revisão por pares duplo-cega (**Double blind peer review**).

Editora

Cláudia Tavares do Amaral 

Fomento

O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.

**Publisher**

Este artigo foi Publicado na **Revista Poiesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão – UFCAT**. A Revista Poiesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poiesis Pedagógica obteve **Qualis B1**.

